

# Do Uruguai a Moscou, 88 anos da Copa do Mundo de Futebol

A 21ª edição da Copa do Mundo de futebol teve início ontem (14), em Moscou. Nesses 88 anos de existência, oito seleções venceram a mais importante competição do futebol mundial: Brasil (5 títulos), Itália (4), Alemanha (4), Uruguai (2), Argentina (2), Inglaterra (1), França (1) e Espanha (1). A Itália é a única equipe campeã que não conseguiu classificação para esta Copa

Aécio Amado/Agência Brasil

A Fifa foi fundada em 1904, na França, mas a primeira Copa do Mundo foi realizada 26 anos depois. O Uruguai, cuja equipe de futebol vinha de conquistas olímpicas e comemorava seu centenário em 1930, foi escolhido como país-sede. No entanto, a ideia de fazer a competição em um país do outro lado do Atlântico não agradou às federações de alguns países da Europa por causa dos custos e da demora de uma viagem de navio para a América do Sul. A Copa no Uruguai não teve fase eliminatória, todas as seleções presentes foram convidadas pela Fifa.

Em função dessas dificuldades, apenas quatro das 13 seleções participantes eram europeias (Bélgica, Iugoslávia, França e Romênia). As demais vieram de países do Continente Americano (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Paraguai, México, Bolívia e Estados Unidos). O Jogo final ocorreu no dia 30 de julho, entre o Uruguai e a Argentina. A partida foi realizada no Estádio Centenário, construído especialmente para a competição. Os argentinos perderam por 4 x 2, de virada. O Brasil conseguiu um sexto lugar no torneio. As duas copas seguintes (1934 e 1938) foram vencidas pela Itália.

Do Uruguai até Moscou, a Copa do Mundo deixou de ser realizada em 1942 e 1946 por causa da 2ª Guerra Mundial. Ela volta a ocorrer em 1950, e o Brasil foi escolhido como o país-sede. Para receber a Copa, foi construído o Maracanã, o maior estádio de futebol do mundo, inaugurado no jogo entre o Brasil e México, com vitória brasileira por 4 x 0. A partida final foi entre o favorito Brasil e o Uruguai. O Maracanã lotado com mais de 200 mil torcedores que, surpresos, viram a sua seleção perder de virada por 2 x 1. O jogo entrou para a história como um dos momentos mais tristes do futebol mundial. Os torcedores uruguaios chamam até hoje o episódio de "Maracanazo". O resultado deu ao Uruguai o bicampeonato mundial, igualando-se em número de títulos à Itália.

A Copa do Mundo de 1954 foi marcada mais uma vez pela derrota na final da seleção considerada favorita. A Hungria, que conquistara dois anos antes o título olímpico, chegou à Suíça na condição de melhor seleção do mundo. Na primeira fase da competição, varreu a Coreia do Sul por 9 x 0 e a Alemanha por 8 x 3. Nessa Copa, após a derrota de 1950, o Brasil estreou o novo uniforme, trocou o branco pelo amarelo na camisa, mas saiu da competição ao ser derrotado pela Hungria por 4 x 2. Mas a grande surpresa estava reservada para o jogo final. A Alemanha, que na primeira fase da competição havia perdido de 8 x 3 para a favorita Hungria, venceu o time húngaro por 3 x 2.

A Copa do Mundo de 1958, na Suécia, mostrou ao mundo a genialidade de um jovem de 17 anos, Edson Arantes do Nascimento, Pelé. Contra o País de Gales, em um jogo de quartas de final, ele marcou o seu primeiro gol em uma Copa do Mundo. A partir daí, Pelé viria a se transformar no maior jogador de futebol de todos os tempos. Na era Pelé, a Seleção Brasileira conquistaria definitivamente o troféu Jules Rimet, ao vencer também as Copas de 1962, no Chile, e de 1970, no México, passando a ter três títulos. O time de 1970 é considerado até hoje como a melhor que já existiu. A competição de 1966, na Inglaterra, foi vencida pelo time da casa.

Perguntado se a seleção de 1970 é realmente a melhor de todos os tempos, Jairzinho, que fez gols em todos jogos da Copa do



Com três títulos, Pelé é o jogador que mais ganhou Copa do Mundo.

México, disse: "Claro que foi. Você tem dúvida? Quando é que você vai ver uma seleção jogar com cinco números 10? E todos faziam a diferença. Eu era um deles". Com a conquista definitiva da Jules Rimet pelo Brasil, um novo troféu passou a ser disputado a partir da Copa de 1974. Na Copa da Alemanha, mais uma vez a história se repete, a Holanda, a seleção favorita, perde na final para Alemanha por 2 x 1. Com um futebol de muita movimentação de seus jogadores, a Laranja Mecânica, como passou a ser chamado o time holandês, virou referência de futebol total.

Em 1982, na Copa da Espanha, agora com 24 participantes, outra seleção favorita fica pelo caminho. O Brasil do técnico Telê Santana, com uma equipe de jogadores virtuosos, entre eles, Sócrates, Zico, Júnior, Falcão, Toninho Cerezo e Éder, mostrou um futebol ofensivo e de muito toque de bola. Mas o time que encantou o mundo, mesmo jogando pelo empate, perdeu para a Itália nas quartas-de-final, por 3 x 2, saindo da competição com a quinta colocação. A partida final, entre Alemanha e Itália, foi vencida pelos italianos por 3 x 1, com a Itália conquistando o seu terceiro título e se igualando ao Brasil.

A Copa seguinte, no México, um jogador se transforma no grande destaque da competição, o argentino Diego Maradona. Na partida contra a Inglaterra, nas quartas-de-final, o argentino foi autor do gol mais bonito até hoje feito em uma Copa do Mundo. Ele parte do seu campo e, em velocidade, passa por vários ingleses, diante do goleiro Shilton, o argentino dá um toque para a rede. Na mesma partida, Maradona faz também um gol de mão e diz que foi a "mão de Deus".

Na era do Troféu Fifa, a Alemanha é a seleção mais vitoriosa, com três títulos. A última dessas conquistas aconteceu em 2014, no Brasil, derrotando a Argentina, na final, por 1 x 0. Mas o resultado marcante foi a goleada aplicada na Seleção Brasileira por 7 x 1, na semifinal. O Brasil, a Argentina e Itália vêm em segundo, com dois títulos cada um. França e Espanha fecham a lista, com uma conquista. Os dois troféus Fifa conquistados pela Seleção Brasileira aconteceram nas Copas de 1994, nos Estados Unidos, com destaque para o atacante Romário, e a de 2002, competição realizada pela primeira vez em dois países, Japão e Coreia do Sul, tendo Ronaldo como o grande nome do time brasileiro, marcando dois gols na final contra a Alemanha.

## Como investir o dinheiro da restituição do Imposto de Renda

Passada a fase de entrega das declarações do IR, o contribuinte pode começar a pensar nos investimentos a fazer com o dinheiro da restituição. A Receita programa sete lotes para o pagamento, de junho a dezembro, de acordo com a ordem de entrega das declarações de 2017.

Mas, com o dinheiro na conta, quais são as melhores apostas para investir de acordo com o valor disponível? Leandro Rassier, professor da pós-graduação online da PUC-RS, do curso de Finanças, Investimento e Banking, fala das possibilidades de acordo.

Segundo Rassier, o contribuinte que tem um perfil conservador e recebe uma restituição abaixo de 5 mil pode investir nos títulos públicos emitidos pelo Governo Federal por meio do Tesouro Direto. Ao comprar os títulos, o contribuinte empresta dinheiro ao Governo, que faz esse processo com o intuito de captar recursos para financiar projetos. Em contrapartida, o dinheiro é devolvido na data do vencimento, somado a um rendimento estabelecido durante a compra. Neste link (<http://www.tesouro.gov.br/tesouro-direto-passo-a-passo>) o governo disponibiliza o passo a passo para começar a investir.

Já para quem recebeu mais de 5 mil a recomendação é investir nos fundos de ações de multimercado, que mesclam renda fixa e renda variável. Essa modalidade permite maior liberdade pois, ao invés de aplicar apenas em um fundo de ações (investir 4 mil em um fundo do BB, por exemplo), os gestores vão alocar os recursos das pessoas em vários tipos de ativos. Os mais conservadores podem apostar nos fundos de multimercado de baixa volatilidade, e os mais arrojados no de alta volatilidade ou no próprio fundo de ações.

Mas o especialista alerta: "Caso a pessoa tenha uma dívida, como a do cheque especial da conta corrente, usar o dinheiro da restituição para quitar é o melhor a ser feito. Depois disso, o contribuinte pode se planejar para fazer um investimento rentável". Vale lembrar que tem prioridade no recebimento da restituição os contribuintes com 60 anos ou mais, os portadores de deficiência física ou mental, os que estão com doenças graves e aqueles cuja maior fonte de renda seja o magistério.

(\*) - Especialista em Turnaround, com experiência em empresas multinacionais e nacionais de grande porte de diferentes segmentos, cria alianças, joint ventures, compra e vende empresas ([www.flavioitavo.com.br](http://www.flavioitavo.com.br)).

## A importância da cláusula de sucessão no contrato social

Bruno Pacheco Ribas Beatriz (\*)

*O Brasil é um dos campeões mundiais em burocracia quando se fala em abertura de empresa*

Mesmo assim, somente em 2017 foram instaladas mais de 2,2 milhões de novas empresas no Brasil – a maioria do tipo "sociedade limitada".

Ocorre que, devido à burocracia – aliada a custos relevantes – é comum que os futuros empresários conduzam os procedimentos para a abertura de forma independente (existem milhares de tutoriais e guias na internet) ou com a ajuda de um contador.

A consequência prática disso é que a maioria dos Contratos Sociais arquivados nas Juntas Comerciais não foram elaborados ou sequer avaliados/validados por um advogado. Segundo o clássico conceito de Clóvis Bevilacqua, contrato é um "acordo de vontades para o fim de adquirir, resguardar, modificar ou extinguir direitos" – e vale ressaltar que um contrato social é, para todos os fins, um contrato.

Assim sendo, a disposição de vontade das partes é livre e aquilo que for definido pelas partes, desde que não afronte às previsões legais aplicáveis, deverá ser interpretado não só pelos contratantes, mas também por terceiros e pelo Judiciário. Ressalta-se que a inexistência de regras específicas no contrato acaba por sujeitar a relação às regras gerais previstas em legislações aplicáveis, o que pode, por vezes, gerar resultados não desejados e onerosas discussões.

Feita esta introdução sobre a relevância de ter um Contrato Social elaborado com foco nos interesses específicos dos sócios e da sociedade em si, é fundamental abordar a importância da definição de regras claras sobre a sucessão de cotas sociais no Contrato Social.

O Código Civil dispõe, em seu artigo 1028, que no caso de morte de sócio, sua quota será liquidada, salvo se o contrato dispuser diferentemente; se os sócios remanescentes optarem pela dissolução da sociedade;

se, por acordo com os herdeiros, regular-se a substituição do sócio falecido.

Assim, não sendo aplicáveis as ressalvas listadas no artigo acima, as cotas do sócio falecido serão liquidadas (transformadas em valor monetário e incorporadas ao espólio do falecido para fins de sucessão de bens) e isso, a depender do tamanho da participação do sócio na sociedade, do valor das suas cotas e da saúde financeira da empresa, poderá comprometer a continuidade dos negócios.

Valendo-se do direito de 'dispor diferentemente' que é possível determinar, por exemplo, que em caso de falecimento ocorrerá o ingresso de herdeiros na sociedade – limitando de forma clara e expressa qual será a atuação e os direitos de gestão e voto de tais herdeiros ingressantes na sociedade.

Ainda poderá dispor sobre a participação dos herdeiros em Conselhos, Diretorias ou restringi-los à figura de mero sócio – com direito a dividendos e afins, mas sem qualquer poder de gestão efetiva ou interferência na condução dos negócios; ou que não haverá o ingresso de herdeiros, mas sim o pagamento a estes do haveres do sócio falecido. Neste caso, a cláusula poderá estipular de forma detalhada como se dará a liquidação, ao estabelecer formas, prazos e condições de pagamento, exceções e ressalvas.

Em ambas as alternativas apresentadas fica evidente que a definição das regras não só evitará surpresas e litígios, mas também coordenará e conduzirá a sociedade na continuidade de suas atividades.

Por fim, saliento que esta é uma abordagem sobre uma questão problemática dentre inúmeras possíveis. Um Contrato Social bem redigido, pensado e negociado com atenção e foco nos interesses da sociedade e seus sócios, poderá influenciar diretamente a empresa, sua continuidade, solidez e sucesso.

(\*) - É advogado, pós-graduado – LLM em Direito Empresarial Aplicado – Faculdades da Indústria (FIEP/PR) e sócio do Departamento Diretivo da Andersen Ballão Advocacia.

## Na crise, a simplicidade é um ativo

Flávio Itavo (\*)

Uma das primeiras atitudes de um bom gestor, quando percebe que a crise se desenrola e que a situação tende a se agravar, é dar fim a todas as funções não prioritárias. "Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho" – Clarice Lispector

Então, você descobre que sua empresa está em crise. Também descobre que a crise tem a capacidade de restringir os recursos e ampliar as demandas, deixando assim a gestão muito complicada.

Neste momento, as companhias que cultivam a cultura da simplicidade levam uma vantagem significativa sobre as que não nutrem estes valores.

Trata-se de uma cultura na linha dos hábitos japoneses, onde o "lean", o "clean" e o que "não tem não quebra" são valores muito desenvolvidos. O ato de desapegar dos pequenos luxos, mas grandes geradores de problemas, é uma das atitudes das mais dolorosas de serem efetivadas nas grandes crises.

É o funcionário que prepara o jornal da empresa, o colaborador de marketing que gerencia a mídia no ponto de venda de grandes supermercados, o especialista em leitura de pesquisas de mercado, o reconciliador do ativo fixo, o advogado especializado na defesa das marcas, o comunicador interno, o analista de custos para um tipo de unidades de produção, etcetera.

É obvio que em algum momento aquele funcionário, aquele processo, aquele produto, foi necessário para o negócio, porém, é preciso



entender claramente que agora os recursos são menores e a capacidade da companhia em manter toda uma estrutura montada para a época de vacas gordas, não pode ser mantida na época das vacas magras. Até porque muitas das coisas que faziam sentido antigamente, agora não fazem mais.

Em uma empresa em crise, todos sabem que as coisas não deveriam andar da mesma maneira. É difícil alinhar o discurso junto aos fornecedores, funcionários e mesmo com os bancos. Quando a companhia não está conseguindo pagar as matérias-primas, mas insiste em publicar um jornalco onde aparecem fotos de uma feliz entrega de prêmios, com festa e tudo, onde está o equilíbrio que deveria haver dentro da entidade?

O funcionário sabe que se não entra matéria-prima pela porta da fábrica, mais cedo ou mais tarde, não sairá o seu salário pela mesma porta. Com isso, torna-se mais complicado os colaboradores entenderem campanhas de participação, festas e brindes por contas de campanhas motivacionais, que não estão em alinhamento com o que todos acham adequado.

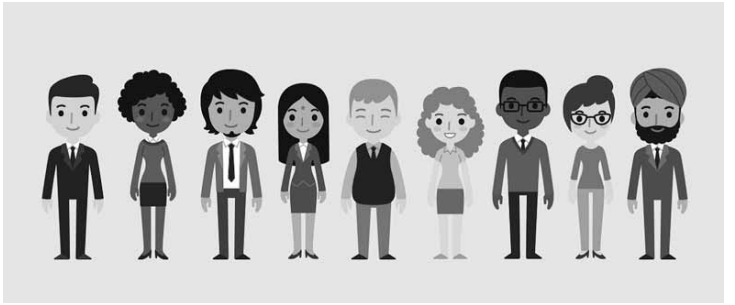
Assim, uma das primeiras atitudes de um bom gestor,

quando percebe que a crise se desenrola e que a situação tende a se agravar, é dar fim a todas as funções não prioritárias. Caso as coisas melhorarem, terá a oportunidade de chamar todos de volta, mas enquanto essa certeza não estiver presente, a regra é simplificar.

O pessoal da Toyota está sempre tentando fazer um carro com menos peças. Há uma relação direta entre o número de peças em uma máquina e a complexidade em se manter este mecanismo funcionando. Automóveis mais duráveis são mais valorizados no mercado, logo um dos objetivos da Toyota é fazê-los cada vez melhores, mas sempre com um número de elementos menor que o da concorrência.

Não é por acaso que eles possuem excelentes índices de qualidade e uma coleção de consumidores fieis. A peça que não está lá, não pode quebrar. No nosso caso, estamos falando de funções e processos que se não estiverem lá não poderão dividir nossas prioridades, recursos, atenção e tempo.

## Diversidade: um tema que veio para ficar



Esqueça a questão da obrigatoriedade e de cotas. A diversidade deve ser encarada como uma estratégia de negócio.

Em um cenário como o atual, com concorrência acirrada, disputa de talentos e economia instável, quanto mais diverso for o time, mais fácil chegar aos resultados esperados. Um estudo sobre o tema realizado pela consultoria McKinsey com mais de mil empresas em 12 países, mostra que as companhias com times de executivos com maior variedade de perfis são mais lucrativas.

De acordo com o estudo, as organizações com maior diversidade de gênero têm 21% mais chances de apresentar resultados acima da média do mercado. No caso da diversidade cultural e étnica, esse número sobe para 33%. Para atrair e reter pessoas de perfis diferentes, as companhias têm apostado em pacotes de benefícios atrativos.

Há desde as que oferecem bônus para os funcionários que precisam levar seus filhos ao trabalho e política bem estruturada de home office, até licença-maternidade de seis meses para casais do mesmo sexo que decidam adotar ou ter um filho. Outra prática que está

se tornando comum é atrelar as remunerações variáveis dos executivos aos objetivos de diversidade e inclusão.

Mas, para que todo esse trabalho seja efetivo, a estratégia de diversidade precisa estar na agenda da liderança da empresa, com ações de conscientização com os líderes sobre a importância da diversidade para o negócio. E há muito benefícios. Nos Estados Unidos diversidade é sinônimo de inovação.

Por lá, além dos critérios tradicionais de um processo seletivo, as empresas consideram raça, gênero, países de origem e orientação sexual. Para elas, permitir um ambiente de aprendizado diverso enriquece o conteúdo das discussões, já que pessoas de diferentes contextos trazem pontos de vista nem sempre óbvios para a equipe.

Buscar pessoas com ideias, conhecimentos e repertório diferentes ajuda a destacar a companhia no mercado e a construir um núcleo de criatividade, com a oferta de produtos e serviços que atendam a todas as classes e tipos de pessoas.

(Fonte: Mariane Guerra é vice-presidente de Recursos Humanos Latam na ADP).